

Chapéus-de-sol e a erva-de-passarinho

Nossos cumprimentos a A Tribuna pelo oportuno alerta sobre o estado lastimável em que se encontra a arborização das praias de Santos. Os chapéus-de-sol (*Terminalia catappa*) são vegetais exóticos introduzidos nos jardins da praia já há muitos anos. Com o tempo foram sendo podados exagerada e desnecessariamente, e hoje, tomados pela erva-de-passarinho, são verdadeiros monumentos vivos à absoluta falta de conhecimento técnico na condução de sua manutenção e à fragilidade da planta quanto ao ataque do hemiparasita.

Esse vegetal, quando sadio, chega a alcançar mais de 20m de altura, mostrando seus galhos horizontais brotados a espaços regulares ao longo do tronco, o que empresta um formato cônico e muito lindo à árvore quando vista de longe. Assim como a maioria das coníferas, essa planta não deve ser podada, salvo em casos extremos e sabendo-se que sua morfologia ficará para sempre comprometida.

Hoje, infelizmente, o que presenciemos ao longo da praia é um amontoado de indivíduos, um diferente do outro, comprometendo assim o equilíbrio plástico da área. Desafiamos alguém que nos aponte um único exemplar ao longo de toda a praia, com o formato característico da espécie. Não existe! Tudo resultado das podas erroneamente aplicadas, aliadas à ação da erva-de-passarinho.

Então o que fazer? Deixar que a planta doente e depauperada pela

ação do hemiparasita vá secando e eliminando paulatina e perigosamente seus galhos apodrecidos? Plantar novas mudas da mesma espécie e esperar que sejam contaminadas em breve? Retirar o hemiparasita já instalado há décadas é possível, entretanto, esse procedimento acarretará tal resultado estético às plantas e ao paisagismo como um todo, que podemos imaginar como ficariam nossos jardins. Bordejados por troncos de árvore suportando fragmentos dos galhos extirpados, teríamos verdadeiras esculturas de mau gosto, exatamente no maior jardim junto à praia do mundo.

A praga e os procedimentos de outrora conferiram assim, a cada chapéu-de-sol, um aspecto verdadeiramente desolador, principalmente se considerarmos que praticamente não há delas sem a praga. Basta conferir, agora que estamos no inverno e suas folhas estão sendo trocadas, que seus galhos mostram aquelas "bolas" verdes da praga, sugando a seiva bruta da árvore. E os troncos então? Dezenas deles apresentam junto ao colo um exagerado e nada elegante intumescimento, fruto do desespero da árvore tentando inutilmente continuar viva com a brotação de seus meristemas ali presentes.

Esclarecemos: não há, ainda, segundo literatura atual e especializada, qualquer tipo de tratamento contra essa praga, exceto a extirpação pura e simples de todo o galho hospedeiro, o que resulta em

uma árvore amputada! Várias prefeituras de cidades do Sul e Nordeste do País travam verdadeiras batalhas contra essa praga, instalada geralmente em vegetais exóticos. Curitiba é uma delas, e a única saída para resolver o problema tem sido a eliminação das árvores tomadas pela praga e posterior incineração do material podado.

Por força de nossa atividade profissional, acompanhamos há décadas o declínio sanitário daqueles vegetais. Não foram poucos os alertas já publicados em *A Tribuna*, onde alertávamos sobre as medidas que deveriam ser tomadas para evitar chegarmos ao estágio atual. Vamos aguardar mais alguns anos para que todas as plantas se acabem naturalmente, ou criamos coragem para enfrentar o problema? E os jardins? Ficarão com aqueles vegetais descaracterizados até que se acabem?

Sua substituição programada, por essências nativas e resistentes ao problema, além de garantir para daqui alguns anos nova e vigorosa arborização, permitiria ainda que nossa avifauna encontrasse ali alimento e galhos suficientes para sua nidificação, o que sabemos, não ocorre com os chapéus-de-sol. É uma medida que não pode ser postergada, pois basta acompanhar pelas fotos obtidas ao longo do tempo o declínio vegetativo daquelas árvores. Afirmando sem medo de errar: os chapéus-de-sol estão doentes e morrendo, sim!